

APRESENTAÇÃO

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2025v83p3-7>



Os diálogos e a interrelação entre História e Educação são fundamentais para o fazer historiográfico e o fazer educacional. O campo historiográfico é responsável por desconstruir e problematizar narrativas mistificadoras, negacionistas e assentadas no “pós-verdade”. Recentemente, no Brasil, na América Latina e no mundo fomos atravessados por inúmeras reformas educacionais que acabam com as perspectivas emancipadoras em favor de políticas neoliberais, mercadológicas e produtoras da iniquidade na educação.

O ataque à educação pública e a emergência de forças neoconservadoras, neofascistas e neoliberais acabam reverberando no desmonte da educação democrática e na fragilização da área de História; na redução da oferta da disciplina; no fechamento de cursos superiores de História; na implantação de escolas cívico-militares com vieses ufanistas; na privatização de escolas públicas; na plataformização da educação; na perseguição às professoras e aos professores; no uso da tecnologia como forma de controle; na redução do número de jovens que procuram universidades.

O campo historiográfico e da pesquisa educacional têm mobilizado energias na perspectiva de problematizar e analisar todos esses novos e antigos ataques à História e à Educação. Temos convicção de que ensino e pesquisa não se separam, assim como compreendemos que alunos e alunas do ensino médio e fundamental são sujeitos ativos de suas próprias histórias e sendo importante o trabalho com o campo da História, suas fontes,

metodologias, aportes e contribuições que podem contribuir para a ressignificação das identidades, da memória e da própria história e presente dos povos e sociedades.

Acompanhamos a luta da ANPUH, no período da ditadura militar contra os Estudos Sociais, que pretendia nos reduzir a História ensinada à moral e cívica, relegando ao silenciamento o potencial crítico que a área da História possui quando efetivado na educação formal. Com a redemocratização, a luta travada por historiadores e historiadoras conseguiu retomar o ensino de História como parte dos currículos. Como os processos sócio-históricos são dinâmicos, foi retomado o ataque à História crítica movido pelos setores conservadores e neoliberais.

Desde os Annales estamos convencidos de que toda manifestação humana faz parte da História, a escrita, o cinema, a música, literatura, vestimentas. A História material, imaterial, a dimensão do saber viver das culturas populares. Com Walter Benjamin aprendemos a pensar na História que envolve lutas e conflitos entre “vencedores e vencidos”. Assim valorizamos experiências de povos originários, lutas camponesas, movimento negro, pobres negros e brancos. Às críticas às epistemologias hegemônicas, por um lado, e a re-affirmação de outras epistemologias, lado por outro, acabam potencializando outras histórias e outros ensinamentos de história!

Não se trata mais de folclorizar a pluralidade de sujeitos históricos, mas de dar visibilidade às suas experiências ativas e transformadoras. E foi assim que na ANPUH defendemos a presença de professores do ensino médio e fundamental não como reprodutores de um saber, consagrados pela teoria, mas vendo-os como produtores de um conhecimento. Nesta coletânea procuramos trazer o debate de todas estas questões na expectativa de enfrentarmos as adversidades e olharmos para um futuro em que possamos construir outras histórias possíveis no campo da História e da Educação.

O dossiê caminha por diferentes lugares e abordagens. Parte deles deram visibilidade às múltiplas experiências educacionais e do ensino de História que se destacam como experiências de lutas afirmativas, da ação de homens, mulheres, negros, indígenas, que reivindicam ao longo dos anos o direito à memória e a História. A temática da inclusão como dimensão fundamental de educar e aprender recebe atenção, ficando evidenciada a importância da educação para pessoas surdas, apresentando, através de

discussões bibliográficas, a visibilidade da surdez, contemplando assim a multiplicidade de experiências colocadas, promovendo o sentimento de pertencimento de alunos que convivem cotidianamente com esta condição e que por muito tempo foram invisibilizados.

As iniciativas que representam propostas conservadoras, que se afirmam cada vez mais através de práticas e procedimentos que expressam “Pátria, Família e Deus”, precisam ser enfrentadas. No dossiê entramos em contato com a produção do Brasil Paralelo, que trabalha conteúdos de extrema direita, nas áreas de Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes. Entrar em contato com esta produção possibilita observar caminhos e direções para um embate político em favor daquilo que historiadores e educadores progressistas acreditam como formação adequada, crítica, subversiva em nome de combater desigualdades e injustiças sociais.

A dimensão de ensinar, aprender e questionar em diferentes espaços e em diferentes momentos está expresso em diferentes artigos do dossiê. Desde o debate sobre o currículo de história, na cidade de São Paulo, que na gestão de Fernando Haddad adotou perspectivas pedagógicas centradas na presença fundamental de Paulo Freire no processo educacional, autor que ainda é uma referência para as epistemologias decoloniais. A comparação entre diferentes projetos educacionais (seja na educação básica, seja no ensino superior, seja na educação do campo), presente no dossiê, permite evidenciar perspectivas políticas diferenciadas e muitas vezes conflitantes, tangenciando e problematizando a racialização, o racismo e suas implicações no Brasil, bem como a resistência e a construção de iniciativas de afirmação de direitos em busca da igualdade racial.

Nessa direção a experiência educacional assistencial desenvolvida na cidade de São Paulo, nos anos de 1825-1872, expressa pelo Seminário da Glória, que foi dedicado a acolher meninas órfãs na cidade e filhas de pais pobres, é analisada no dossiê, propondo discutir como os conceitos de raça, gênero e classe se configuram nas propostas educacionais internas. Olhares e estudos que problematizam as infâncias e procuram compreender o processo de invenção das infâncias brasileiras são possíveis de serem encontrados no dossiê. Por exemplo, a patologização das infâncias e o intento de “normalizar” as crianças a partir de critérios que classificavam as mesmas como “idiotas”

afetou o destino de crianças consideradas “alienadas” e internadas no primeiro pavilhão psiquiátrico infantil, do Brasil, o Pavilhão Bourneville, o Rio de Janeiro, está refletida analiticamente neste dossiê.

Numa outra perspectiva se pretende discutir o ensino de História da América, na PUC/SP – Pontifícia Universidade de São Paulo, de 2010 a 2024, destacando ementas, objetivos e conteúdos programáticos da disciplina. A forma como a proposta se desenvolveu em sala de aula, valorizando a Literatura como fonte de trabalho do Historiador, indica as possibilidades do ensino de história, por múltiplos caminhos.

Nos abrimos para outras experiências significativas que se desenvolveram em outros Estados e unidades da federação. É o caso do artigo que se refere ao Museu Pedagógium e a Revista Pedagógica na configuração de processos civilizatórios, no século XIX. Considera-se a difusão de valores liberais e positivistas voltados para a institucionalização escolar e a presença dos museus na prática da escolarização.

A valorização da Educação Patrimonial como campo de estudo tem sido objeto de atenção em vários currículos escolares, tanto em universidades como no ensino médio. Aqui apresentamos resultados obtidos na UFPE onde foram analisadas produções dissertativas e didáticas defendidas naquela universidade. Através deste tema podemos preparar alunos de licenciatura em História que atuarão no ensino fundamental, médio e do 3º grau. Grupos excluídos tradicionalmente, indígenas, negros, homens e mulheres pobres têm lutado no Brasil pela preservação dos espaços de memória.

A presença de mulheres ainda é enfatizada em artigo que dá atenção à educação de meninas e moças no Brasil e em Portugal em meados do século XIX, através da presença de Francisca Senhorinha da Motta Diniz e Antonia Gertrudes Pusich. Biografias de mulheres educadoras se fazem presentes, mulheres biografam outras mulheres em dissertações e teses. Através de narrativas (auto) biográficas destacam-se experiências docentes, considerando tensões e contradições do ensino superior.

Compõem a edição outros artigos que contemplam a diversidade de temas, fontes e abordagens historiográficas em circulação no Brasil contemporâneo, assim como uma entrevista tratando dos meandros do “Ofício docente”. Enfim, esta edição oferece uma contribuição à historiografia das diferentes Histórias da Educação, suas infâncias, adolescências, adultez,

ampliando os temas, abordagens, fontes, e periodizações, evidenciando tensões, relações de poder, resistências, construção e luta por direitos, violências e trajetórias múltiplas.

Boa leitura

Profa. Dra. Olga Brites – PUC/SP

Prof. Dr. Eduardo Silveira Netto Nunes – UFAC